



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Preço do leite no RS gera divergências no setor

Queixas envolvem valores pagos no Estado, enquanto indicadores nacionais e externos apontam estabilidade e alta

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Relatos de reduções no valor pago ao produtor de leite no Rio Grande do Sul têm gerado divergências entre entidades representativas da produção e da indústria, em um momento em que indicadores de mercado apontam estabilidade ou elevação de preços. O impasse ocorre paralelamente às sinalizações do Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite (Conseleite) de recuperação nos valores de referência e a movimentações de alta no mercado nacional e internacional.

A Associação de Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando) afirma ter recebido múltiplas queixas de produtores que tiveram redução no preço pago por litro de leite entregue à indústria, principalmente entre R\$ 0,8 e R\$ 0,10. Segundo o presidente da entidade, Marcos Tang, as queixas envolvem diferentes empresas e estão respaldadas por documentação, como notas fiscais, ainda que os nomes dos produtores sejam mantidos em sigilo.

"Nós recebemos vários rela-

tos de redução de preço do litro pago ao produtor, mesmo com o mercado nacional e internacional indicando estabilidade ou até elevação", afirmou Tang.

Ele destacou que o leite spot – negociado no mercado à vista e considerado um indicador sensível de oferta e demanda – registrou aumento nos últimos levantamentos, além de sinais de reação no mercado internacional, o que, na avaliação da entidade, torna contraditória a redução nos valores pagos ao produtor.

De acordo com Tang, casos pontuais inicialmente relatados como redução de R\$ 0,20, posteriormente ajustados para R\$ 0,14. "O produtor questiona por que, diante de sinais de melhoria no mercado, o preço continua caindo. É isso que queremos entender do ponto de vista técnico", afirmou.

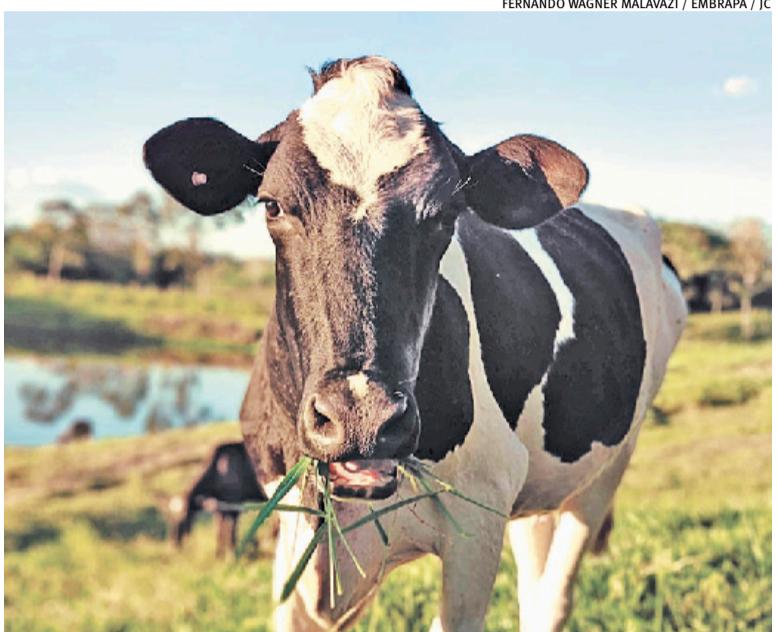
Pelo lado da indústria, o secretário executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat/RS), Darlan Palharini, adota uma posição cautelosa ao comentar os relatos. Ele afirma que é difícil avaliar reduções sem informações detalhadas sobre cada produtor,

como volume entregue, preço anterior e critérios contratuais de remuneração.

Palharini reconhece que variações de preço podem ocorrer e aponta fatores técnicos que podem influenciar o valor pago, como o custo de frete – mais elevado para produtores de menor escala – e alterações na qualidade do leite, especialmente no teor de sólidos durante períodos de calor, quando há pagamento por qualidade. Ele também menciona um cenário de mercado considerado desfavorável, com aumento das importações no mês de janeiro.

Apesar disso, o dirigente não nega a possibilidade de variações negativas pontuais, mas contesta reduções mais expressivas. Segundo Palharini, a informação disponível ao sindicato é de que a maioria das indústrias trabalhou com estabilidade no preço do leite entregue em dezembro e pago em janeiro.

Para a Gadolando, o problema vai além de variações pontuais e expõe a fragilidade estrutural do produtor de leite na cadeia. Tang afirma que muitos produtores operam abaixo do



FERNANDO WAGNER MALAVAZI / EMBRAPA / JC

custo de produção, sem margem financeira após anos de eventos climáticos extremos e aumento contínuo dos custos.

"O produtor não tem poder de decisão. Ele entrega o leite sem saber quanto vai receber e só descobre o valor depois, quando vem a nota", afirmou. Segundo ele, enquanto os custos de insumos seguem em alta, a remuneração ao produtor sofre redução,

aprofundando a assimetria na relação com a indústria.

Tang ressalta que a entidade reconhece a necessidade de margem por parte da indústria, mas defende maior transparência e previsibilidade na formação de preços. Para ele, a ausência de uma explicação técnica clara para as reduções relatadas amplia a insatisfação no setor e reforça a necessidade de diálogo.

Colheita do milho avança para 35% da área total cultivada, aponta Emater

A cultura do milho se aproxima das fases finais de ciclo, e a colheita avançou para 35%, favorecida por predomínio de tempo seco e elevada radiação solar e ventos, que aceleraram a perda de umidade dos grãos.

De acordo com o Informativo Conjuntural, divulgado na quinta-feira passada pela Emater/RS-Ascar, observa-se expressiva variabilidade de desempenho produtivo em função da distribuição irregular das chuvas e da coincidência do déficit hídrico com estágios críticos, especialmente floração e enchimento de grãos.

Em áreas irrigadas, os rendimentos estão elevados, enquanto as lavouras de sequeiro apresentam reduções consolidadas de produtividade.

Os plantios tardios ou de segundo cultivo enfrentam maior restrição hídrica no estabelecimento e nas fases reprodutivas. De forma geral, a colheita evolui rapidamente, e parte das áreas já foi liberada para novas semeaduras. As lavouras ainda em desenvolvimento vegetativo (9%) apre-

sentam potencial condicionado à manutenção da umidade do solo. A Emater/RS estima o cultivo de 785.030 hectares e produtividade de 7.370 kg/ha.

A cultura da soja manifesta heterogeneidade de desenvolvimento no Estado, em função da irregularidade espacial e temporal das precipitações, associada às temperaturas elevadas.

O Informativo Conjuntura aponta lavouras com adequado crescimento vegetativo e alto potencial produtivo, contrastando com áreas sob estresse hídrico, inclusive dentro de uma mesma região ou até no mesmo município.

A maior parte das lavouras se encontra em fases de elevada exigência hídrica - floração (46%) e formação de vagens e enchimento de grãos (27%) -, o que amplia a sensibilidade à redução da umidade do solo. Para a Safra 2025/2026 no Rio Grande do Sul, a projeção da Emater/RS indica o cultivo de 6.742.236 hectares e produtividade média de 3.180 kg/ha.

O período foi marcado por ca-

lor intenso, umidade baixa, chuvas de volumes extremamente desiguais e temperaturas máximas acima de 30°C em praticamente todo o Estado, com picos acima de 35°C em vários municípios, agravando o estresse hídrico nos locais onde não ocorreram precipitações adequadas.

As áreas implantadas mais tarde, onde ainda predominava a fase de desenvolvimento vegetativo, não foram afeitas significativamente por estresse hídrico e demonstram bom desenvolvimento.

Porém, em vários locais de plantio mais precoce, os produtores têm antecipado a colheita para evitar perdas na qualidade da massa a ser ensilada. Conforme estimativa da Emater/RS, a área destinada ao milho para silagem deve atingir 366.067 hectares, e a produtividade 38.338 kg/ha.

As condições climáticas permitem o avanço da semeadura do feijão 1ª safra nos Campos de Cima da Serra, única região com áreas significativas a ainda serem semeadas. A colheita nas demais

regiões também foi beneficiada pelo clima predominantemente seco do último período. Como as chuvas foram localizadas e mal distribuídas, as lavouras apresentam diferentes condições, mesmo em localidades próximas.

Nas áreas em desenvolvimento vegetativo (cerca de 20%), ainda não há problemas devido à baixa umidade, mas alguns cultivos sofrem com a deficiência hídrica. A Emater/RS projetou área de 26.096 hectares e produtividade média de 1.779 kg/ha.

A semeadura do feijão 2ª safra segue no Estado, viabilizada pelas baixas precipitações em parte da região produtora, chegando a 20%. As lavouras estão em desenvolvimento vegetativo. A Emater/RS projeta área de 11.690 hectares e produtividade média de 1.401 kg/ha.

A cultura do arroz apresenta, de modo geral, desenvolvimento compatível com as fases fenológicas, favorecido por predomínio de dias ensolarados e elevada radiação solar. As temperaturas mínimas permaneceram próximas

da faixa ideal para a cultura no período. Contudo, as máximas elevadas, pontualmente superiores a 35°C, aumentaram o risco de falhas na fecundação das espiguetas, em algumas áreas em fase reprodutiva.

Predominam lavouras entre os estádios vegetativo e reprodutivo, que apresentam bom padrão de crescimento e sanidade em função das condições climáticas menos propícias à ocorrência de doenças fúngicas.

O manejo atento da irrigação nesse momento teve papel central, diante do aumento da demanda hídrica na fase reprodutiva e da redução gradual dos níveis de reservatórios em algumas áreas.

Observa-se, de forma geral, moderação nos investimentos em insumos, especialmente em fertilizantes nitrogenados, refletindo estratégias de contenção de custos, mas sem prejuízo significativo ao potencial produtivo até o momento. A área a ser cultivada está estimada em 920.081 hectares (Irga). A produtividade está prevista em 8.752 kg/ha, segundo a Emater/RS.